

ENTREVISTA // CORONEL RENATO AZEVEDO

Comandante da Polícia Militar anuncia que 500 homens vão passar por cursos de requalificação profissional

FABÍOLA GÓIS E
MARCELO ROCHA

DA EQUIPE DO CORREIO

As acusações de abuso de autoridade e agressões cometidas por policiais militares nos últimos dois meses incomodam a cúpula da instituição. O coronel Renato Azevedo, comandante da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), admitiu que o trei-

namento é deficiente por falta de recursos materiais e tecnológicos. "Se no próximo ano, o orçamento não contemplar, além do custeio, investimentos na PM talvez voltemos a lamentar e a não resolver problemas que poderiam estar em curso de solução", afirmou.

Em entrevista ontem à tarde ao *Correio*, Azevedo informou que, até o final do ano, 500 homens serão retirados das ruas para curso de recicla-

gem. "O problema da PM não é só de qualificação, mas também de logística", insistiu. "Se tivéssemos uma viatura adequada para fazer a perseguição, o carro da frente seria parado em apenas 150 metros e não dez quilômetros depois", comentou, ao se referir à perseguição policial nas ruas de Taguatinga e Ceilândia que acabou na morte de Srael Soares Santos, 25 anos, no dia 5.

O comandante não comenta as

investigações abertas para apurar o caso. Tampouco fala sobre as sindicâncias instauradas para averiguar a conduta de PMs na morte do estudante Fernando Maia, 21 anos, baleado com um tiro na testa ao ser abordado por uma equipe da PM em frente ao Brasília Shopping em 31 de julho. Na sexta-feira passada, a Corregedoria da PM abriu outro inquérito. Desta vez, para investigar a agressão contra dois estudantes

cometidas por um oficial do Batalhão de Operações Especiais (Bope), na Asa Sul.

Azevedo trocou o comando do Bope. No lugar do tenente-coronel Celso Velasco entrou o tenente-coronel Sérgio Carreira. O comandante determinou ainda a instauração de sindicância para investigar a conduta do oficial acusado de participar de empresa de segurança, atividade proibida para PMs.

Reciclagem de policiais

CORREIO BRAZILIENSE — Quais providências foram adotadas pela Polícia Militar sobre o espancamento de dois estudantes na Asa Sul na última sexta-feira?

CORONEL RENATO AZEVEDO — Nenhum caso de violência policial no DF deixará de ser identificado e investigado. E a apuração deve caminhar em dois rumos: o judicial, que apresente os autores e onde a conduta deles seja apreciada; e o de apontar as causas que possam contribuir para a agressão. O tenente foi transferido do Bope para a Diretoria de Pessoal e está à disposição da Corregedoria até o término do inquérito. O comandante do Bope, tenente-coronel Celso Velasco, foi exonerado porque não informou o caso ao superior imediato e à Corregedoria logo em seguida. Falou com seu dever funcional.

CORREIO — Nos últimos dois meses, ocorreram três casos em que policiais militares foram acusados de agressão ou abuso de autoridade. O que está ocorrendo com a polícia do DF?

AZEVEDO — Precisamos diagnosticar as razões da violência policial. Falar apenas em qualificação do policial parece análise simplista. Esse tenente que foi autor da agressão na sexta-feira é um profissional altamente qualificado. Tem cursos de especialização e não havia apresentado, até o momento, desvio que pudesse levar seus superiores a imaginar que cometeria uma agressão dessa. Quais mecanismos teríamos para impedir esse suprapolicial de se transformar em máquina mortífera 1, 2, 3...?

CORREIO — O senhor já diagnosticou outras razões?

AZEVEDO — Os policiais se queixam da impunidade. Não aguentam mais prender a mesma pessoa várias vezes. Um PM que atirou num motorista me disse: "Ele já tinha sido preso. Foi solto". Até que matou. Essa morte poderia ter sido evitada. O Código Penal brasileiro precisa ser revisto. Não sou favorável a colocar todos os criminosos na prisão. Admito os crimes de menor potencial ofensivo. Temos que ter um objetivo: recuperação, reeducação e ressocialização dos bandidos. Nossas prisões são fábricas de criminosos, que voltam para as ruas cada vez piores. Isso revolta os policiais. Mas não compete à polícia fazer Justiça.

CORREIO — Os policiais precisam de requalificação?

AZEVEDO — Nós estamos tomando uma série de providências na PM. Até o final do ano, vamos retirar 500 policiais das ruas. Eles clamam por requalificação e que se dá a eles é mais demanda por segurança pública. Não se dá tempo para os policiais serem requalificados. Duzentos já estão no centro de formação fazendo curso de radiopatrulhamento urbano, para treinar perseguições e abordagens. O curso terá dois meses de duração.

CORREIO — Há treinamento de tiro?

AZEVEDO — O tiro é importante para o adestramento, mas não quer dizer que ele vai sair dali e dar um tiro correto na rua. O importante não é só saber

Wanderlei Pozzembom/CB/7.5.04



“ NOSSAS PRISÕES SÃO FÁBRICAS DE CRIMINOSOS, QUE VOLTAM PARA AS RUAS CADA VEZ PIORES. ISSO REVOLTA OS POLICIAIS ”

atirar, mas saber quando e onde atirar. Em estande estático não dá para treinar isso. Existem simuladores a laser que reproduzem situações de rua em laboratório. Queremos adquiri-los, mas só teremos dinheiro para 2005 e

só compraremos se o Orçamento da Polícia Militar for compatível. Os três estandes de tiro da PM estão interditados por falta de condições. Treinamos com estandes emprestados do Exército e da Polícia Civil.

CORREIO — Como a corporação tem agido para coibir os abusos?

AZEVEDO — Aplicar o remédio adequado é difícil e complexo porque não depende da vontade da corporação. E, sim, de uma série de aspectos, dos quais o mais importante é o Orçamento. Não adianta nada a investigação, diagnóstico e a terapêutica adequada se não houver recursos suficientes para implantar soluções. O Orçamento de 2005 será analisado e se não contemplar, além do custeio, investimento tecnológico, talvez voltemos a lamentar e a não resolver problemas que poderiam já estar em curso de solução.

CORREIO — A legislação proíbe policiais de terem dois empregos. O tenente-coronel Luiz Henrique Fonseca é investigado por suposta participação na empresa segurança Griffo. Como a polícia encara isso?

AZEVEDO — No caso dele, já houve investigação no passado para apurar suposta ligação dele com a empresa Griffo. O procedimento concluiu que não havia ligação formal com a empresa. Ele nega o vínculo e que estaria exercendo atividade de segurança privada. O que está comprovado é que ele não estava lá (no *Brasília Music Festival Eletronic*) à serviço da corporação. Determinei a instauração de sindicância porque o comando da PM quer saber em que circunstâncias o coronel se encontrava no evento. A atividade policial militar é integral e continuada. Ou seja, não pode ter nenhuma outra atividade.